

# Crise interrompe pesquisas

Cadu Gomes/CB - 2/3/07

ERIKA KLINGL  
DA EQUIPE DO CORREIO

A crise do Instituto do Coração (Incor) do Distrito Federal paralisou as pesquisas com células-tronco na capital do país. O hospital é o único do DF credenciado pelo Ministério da Saúde para participar do maior estudo clínico sobre o uso de células-tronco no tratamento de problemas cardíacos. A pesquisa brasileira é coordenada pelo Instituto Nacional de Cardiologia de Laranjeiras (INCL) e existe desde 2004. Para o estudo, o mais importante é o paciente — co-  
baia na pesquisa —, mas, desde 27 de março, o Incor-DF não recebe novos pacientes nem faz cirurgias sem urgência. No total, 120 pessoas esperam na fila, entre elas 60 crianças.

De acordo com o diretor-médico do Incor-DF, Adriano Caixeta, a retomada dos atendimentos do Incor deve começar em 15 dias — um desfecho favorável surgiu com a decisão do governo federal de assumir a instituição. "A partir do momento em que os medicamentos forem comprados e estivermos em condições de atender novamente, vou entrar em contato com os outros hospitais do DF para voltarmos a receber pacientes para o estudo", explica.

O Incor-DF já incluiu três pacientes com infarto na pesquisa e estava pronto, antes da crise, para atender doentes com cardiopatia crônica e com doença de Chagas. Ao lado de países europeus, como Itália e Alemanha, o Brasil é uma das referências internacionais na pesquisa clínica que usa células-tronco adultas, tiradas da medula óssea dos próprios pacientes, para tratar seus problemas cardíacos.

O paradoxal na situação é que, enquanto o Incor-DF afunda em dívidas, o estudo tem verba garantida — para cada paciente incluído na pesquisa, os ministérios da Saúde e de Ciência e Tecnologia repassam R\$ 10 mil. Dinheiro que, no entanto, não pode ser gasto. A crise do hospital impede justamente a entrada de no-



JOÃO BATISTA, 58 ANOS, FOI SALVO DE VIOLENTO INFARTO POR TER RECEBIDO CÉLULAS-TRONCO NA PESQUISA

66

**A PARTIR DO MOMENTO EM QUE OS MEDICAMENTOS FOREM COMPRADOS E ESTIVERMOS EM CONDIÇÕES DE ATENDER NOVAMENTE, VOU ENTRAR EM CONTATO COM OS OUTROS HOSPITAIS DO DF PARA VOLTARMOS A RECEBER PACIENTES PARA O ESTUDO**

99

Adriano Caixeta, diretor-médico do Incor-DF

vas cobaias no projeto. Sem co-  
baias, não há estudo.

Para participar da pesquisa, é necessário que os pacientes se encaixem em um determinado perfil. No caso do atendimento de infarto agudo do miocárdio, por exemplo, o protocolo define que só pode participar da experiência o homem ou a mulher, com idade até 80 anos, que tiver infartado em até 48 horas. Sem atendimentos, não chegam casos e a equipe da pesquisa não consegue fazer a seleção de pacientes que se encaixem no perfil e aceitem servir como cobaias. Ou seja: sem dinheiro no Incor, sem pacientes no estudo; sem

pacientes na pesquisa, sem fi-  
nanciamento.

As pesquisas com células-tronco cardíacas estão divididas por patologias e para cada uma há um centro coordenador dos estudos. O Instituto de Cardiologia das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, está à frente dos trabalhos com cardiomiopatia dilatada. O Incor, de São Paulo, apesar da crise, comanda os estudos com isquemia crônica do coração. O Hospital Santa Izabel, de Salvador, em colaboração com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) da Bahia, supervisiona a pesquisa com os chagásicos, inédita no mundo. E o Instituto

de Ciências Biomédicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ICB/UFRJ), ao lado do Hospital Pró-Cardíaco, chefa os experimentos com o infarto agudo do miocárdio.

## Trabalho enorme

O projeto é único no mundo. Não só pela quantidade de casos avaliados e comparados — 1.200 pacientes —, mas pelo número de instituições envolvidas, em torno de 40, de todo o território nacional. No Brasil, quatro milhões de pessoas sofrem de insuficiência cardíaca grave. Se comprovado que as células-tronco podem melhorar as condições desses pacientes na mesma proporção que os estudos preliminares têm indicado, estima-se que 200 mil vidas poderão ser salvas em três anos e o custo do tratamento reduzido em aproximadamente R\$ 37 milhões por mês. O custo total do projeto ficará em torno de R\$ 12 milhões.

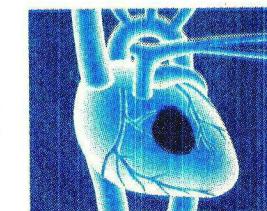
Se, ao final do estudo, alguma terapia celular for mais benéfica do que o tratamento hoje disponível para os problemas do coração, o procedimento passará a ser adotado pela rede pública de hospitais.

## COMO É O TRATAMENTO

Confira o passo a passo desde a internação até a alta do paciente

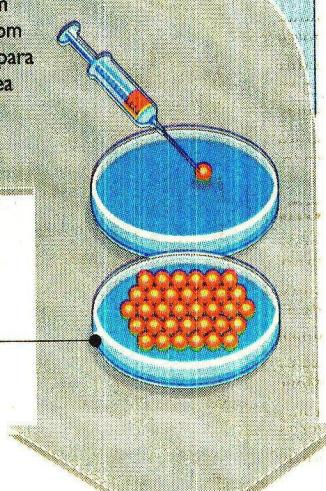


2 Os médicos usam um cateter flexível, com um sensor na ponta, para aspirar a medula-óssea da bacia do paciente

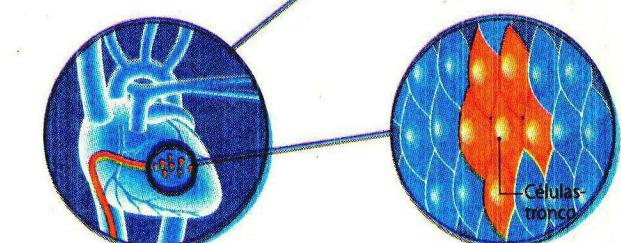
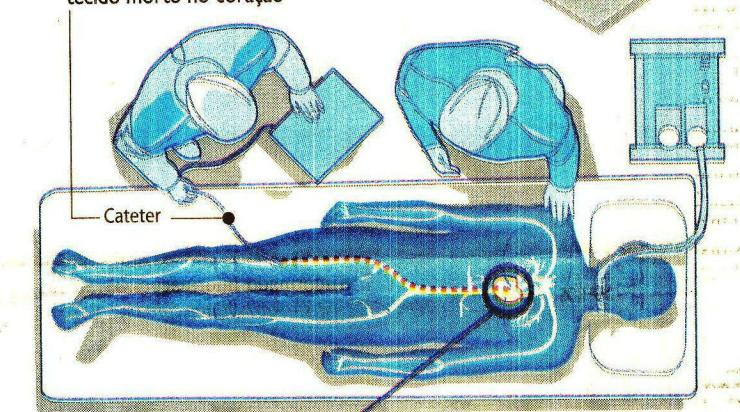


1 O paciente, em estado avançado de insuficiência cardíaca, é internado. E a área afetada do coração é identificada

3 As células-tronco são isoladas. Três horas depois da retirada da medula, elas estão prontas para ser inseridas no coração do paciente



4 O médico injeta, por meio de um cateter, as células-tronco na borda da região formada por tecido morto no coração



5 Células-tronco migram para a região afetada do coração, regenerando o tecido danificado e formando novos vasos sanguíneos